

RELAÇÃO MÉDICO / PACIENTE

RELAÇÃO DE DIREITOS MÚTOS

A base da relação profissional / paciente deve estar alicerçada no princípio do respeito mútuo. A doença quando instalada provoca a fragilidade da pessoa humana que em muitas situações expõem o indivíduo a uma condição de subserviência. Por outro lado, a arte da cura pode colocar o profissional na condição de semi-deus, pois ele tem o poder de aliviar todos os males do ser em condições de vulnerabilidade. Essa relação assimétrica entre o curador e o curado, veio pautando durante séculos a assistência médica, sendo mais forte quando a tecnologia passou a ser o maior recurso no exame clínico. A máquina começou a substituir a semiotécnica. A história clínica do paciente é pouco valorizada, pois o exame de imagem ou de laboratório pode falar melhor. Primeiro pede-se o exame, depois examina a lesão. A doença é tratada e o doente é apenas o acompanhante, como se alma e corpo fosse duas entidades distintas. Olha-se pouco para o paciente e se interagem mais com o computador e máquinas cada vez mais sofisticadas. Em algumas áreas, a relação de poder entre terapeutas e pacientes é ainda mais enfática, não cabendo ao paciente nem questionar seu prognóstico. Isso vem causando muitos transtornos em uma relação que deveria acima de tudo ser respeitosa. Por sua vez, o paciente não se dá conta que ele também é responsável por uma relação de responsabilidade, pois exige muitas vezes que o médico solicite exames, dessa forma o profissional é mais competente. Expressões como: “peça doutor todos os exames, pois até hoje só paguei esse plano e agora pode pedir tudo”, são comuns em nossas clínicas. Se o profissional usar apenas à pedra angular do diagnóstico, que é o exame clínico criterioso e vê que não há necessidade de solicitar um exame qualquer, o profissional não é muito bom na percepção de alguns pacientes, pois não pediu exame. Esquece quem pensa assim, que o custo em saúde é muito alto, e que o exame é apenas uma ferramenta a mais que podemos lançar mãos para corroborar em uma determinada investigação clínica. Alguém vai pagar a conta. Não podemos deixar de pensar no princípio da responsabilidade onde somos responsáveis por tudo e por todos, por aquilo que fazemos e por aquilo que poderíamos

evitar. Se em todo exame clínico houvesse a necessidade de pedir exames complementares, não precisaríamos ter uma formação longa e árdua, pois o exame daria todas as respostas. O raciocínio clínico não pode ser colocado em segundo plano. É a partir dele que podemos traçar formas de abordagens, métodos terapêuticos, necessidade de exames, etc.. A relação profissional / paciente é uma relação de direitos e deveres de ambas as partes. Para todo direito há um dever. Ambos têm responsabilidades específicas e comuns principalmente quando se trata do uso racional de tecnologia médica, redução de custos sem negligenciar o direito a saúde, que é constitucional. A relação profissional / paciente não pode se limitar apenas a uma troca em que uma parte paga para receber um benefício e a outra se limita a vender suas habilidades de cura. A medicina não é uma ciência exata e cada pessoa deve ser vista em suas necessidades sem desvincular corpo e alma.

Josimário Silva

Presidente da Sociedade Brasileira de Bioética – Regional Pernambuco.

Prof. de Bioética da UFPE

josimariosilva@terra.com.br